

# Jeffrey Sachs prega desvalorização do real

■ Para economista americano, pacote fiscal e ajuda internacional não resolverão crise. "O Brasil terá de deixar a moeda flutuar", diz

114

NELSON FRANCO JOBIM

Correspondente

LONDRES - Nem o pacote fiscal nem a ajuda internacional coordenada pelo FMI vão resolver o problema da economia brasileira, se o real não for desvalorizado, declarou ontem o economista americano Jeffrey Sachs, diretor do Instituto de Desenvolvimento da Universidade de Harvard, nos EUA.

Na conferência Catástrofe ou catar-se: as lições da crise asiática, realizada pelo Fórum de Política Econômica do jornal *The Observer* no Teatro da BBC, Sachs disse de Harvard, por sistema de teleconferência, que as crises do México e da Tailândia mostram que é melhor desvalorizar enquanto o país tem reservas do que deixar as reservas se esgotarem e perder totalmente o controle sobre a desvalorização.

"O programa do FMI para o Brasil pode fracassar mas, mesmo se der

certo, será um fracasso", afirmou. "Daqui a seis meses, o Brasil vai estar em recessão e os problemas serão mais profundos". Em resposta ao JB, o economista esclareceu que o governo brasileiro "insiste que não vai se desviar da sua política de desvalorização de 7% ao ano. O real está sobrevalorizado em 35% a 45%. Com 7% ao ano, o Brasil vai ter de esperar muito para voltar da crise. O Brasil vai ter de deixar a moeda flutuar para ter crescimento econômico".

Para Sachs, vincular a moeda a uma moeda forte é "uma má idéia. Ajuda a combater a inflação, mas os países ficam viciados. Os casos da Ásia e do México estão aí para mostrar. O Brasil não é competitivo no momento e deve reconhecer que é necessário ter um câmbio flexível. Washington ouve os conselhos dos investidores de curto prazo. Tentar salvar uma moeda sobrevalorizada é fazer o jogo dos investidores de cur-

to prazo e não do desenvolvimento a longo prazo."

A primeira regra, receita Sachs, é "desvalorizar enquanto as reservas estão fortes. Depois, conseguir apoio internacional e chamar os credores internacionais para rolar as dívidas e dar novos empréstimos ao país. Na pior das hipóteses, as reservas vão acabar e a moeda vai desabar. A hipótese intermediária é um ajuste fiscal, uma ajuda internacional e crescimento zero no ano que vem. É um beco sem saída. É melhor obter apoio internacional e desvalorizar."

Já o diretor-geral da Confederação da Indústria Britânica, Adair Turner, declarou ontem na sede da entidade que "muitos fundamentos da economia brasileira estão bem. A reeleição do presidente Cardoso é uma boa notícia. O déficit público é controlável, se houver um bom plano, e o aumento da confiança vai reduzir os juros."



Sachs: "O programa do FMI para o Brasil pode fracassar, mas, mesmo se der certo, será um fracasso"

Waldemar Sabino - 21/11/96